

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
POR UMA CANÇÃO
16 e 21 de agosto de 2021

BREAKFAST AT TIFFANY'S / 1961

(Boneca de Luxo)

um filme de Blake Edwards

Realização: Blake Edwards / **Argumento:** George Axelrod, segundo a novela de Truman Capote / **Fotografia:** Franz Planer / **Música:** Henry Mancini / **Canção:** "Moon River" de Henry Mancini e Johnny Mercer / **Intérpretes:** Audrey Hepburn (Holly Golightly), George Peppard (Paul Varjak), Patricia Neal ("2-E"), Buddy Ebsen (Doc Golightly), Martin Balsam (O.J. Berman), Mickey Rooney (Mr. Yunioshi), Vilallonga (José da Silva Pereira), John McGiver (caixeiro no Tiffany's), Dorothy Whitney (Mag Wildwood), Stanley Adams (Rusty Trawler), Alan Reed (Sally Tomato), Miss Beverly Hills (Stripper).

Produção: Martin Jurow-Richard Shepherd, para a Paramount / **Cópia:** DCP, colorida, versão original com legendas eletrónicas em português / **Duração:** 115 minutos / **Estreia Mundial:** Outubro de 1961 / **Estreia em Portugal:** Império, a 31 de Janeiro de 1962.

Uma "love story" em tempo de mudança. O ano é 1961, por altura em que um pouco por todo o lado o cinema dito "clássico" parecia agonizar, sob as investidas dos cinemas "novos" por um lado e, por outro, da "globalização" da comunicação e do domínio das imagens através da televisão (hoje verifica-se que a evolução não foi tão simplista como se "previa"). A indústria de Hollywood transformava-se, procurando adaptar-se a essas transformações procurando temas mais ousados e outras formas de contar as mesmas histórias. Preocupações políticas e sociais, violência, costumes e sexo, questões até então sob a alçada do código de censura iam vencendo as últimas barreiras que os censores colocavam, recorrendo a artifícios que iam do aval de obras literárias famosas e algumas "alterações" em argumentos mais audaciosos. Os anos 50 assistiram à entrada em cena de forma aberta ou "camuflada" de temas tabus como a droga (Preminger e Zinnemann com **The Man With the Golden Arm/O Homem do Braço de Ouro** e **A Hatful of Rain/Cárcere Sem Grades** respectivamente), a homossexualidade (**Cat on a Hot Tin Roof**), etc. Pode-se incluir **Breakfast at Tiffany's** dentro da mesma linha, nessa etapa de "liberalização" de temas sendo desta vez a prostituição, tanto feminina como masculina. De forma sugerida, evidentemente, mas não menos transparente, a profissão de Holly Golightly é a chamada "mais velha do mundo" (a referência aos 50 dólares "to go to the powder room", por exemplo, ou o número de "clientes"/"rats", 27, com que "jantara" em dois meses, como diz a certa altura a Paul Varjak). De certo modo é, de forma "camuflada", situação semelhante à de **Pretty Woman** sem linguagem e situações explícitas (e sem milionário para a heroína). Mas neste campo o filme de Blake Edwards não se fica só por aí. Também o personagem masculino, Paul Varjak, é apresentado a uma luz mais crua numa situação já conhecida no cinema mas de forma "figurada": a do "gigolo", o jovem bonito que vive à custa de uma mulher (Patricia Neal, no seu "come back" após a tragédia que quase a deixara paralisada), a que Richard Brooks iria acrescentar, no ano seguinte, a figura inesquecível de Paul Newman em **Sweet Bird of Youth/Corações na Penumbra**.

A caução literária é uma novela famosa de um escritor então não menos famoso, Truman Capote. A história é bem mais crua e menos romântica do que o argumento dela tirado, que teve de passar pelos crivos referidos, mais abertos mais ainda actantes. De qualquer forma a ideia original de adaptação era diferente daquela que vemos em filme. Os nomes envolvidos não deixam de suscitar alguma curiosidade pela forma que tenha tomado antes das mudanças que a entrada em cena de Audrey Hepburn provocou. À partida **Breakfast at Tiffany's** era um projecto de John Frankenheimer, realizador da chamada geração da "televisão" que se estreara no grande ecrã em 1957 com **The Young Stranger/Este é o Nosso Filho**, um drama sobre o conflito de gerações e os problemas dos adolescentes de então. **Breakfast...** seria a confirmação do seu lugar na indústria. Para o papel de Holly Golightly, Frankenheimer escolheu Marilyn Monroe. Quem conhece a novela e a actriz não pode deixar de pensar que esta era de facto a escolha acertada para a personagem que vivia do sexo e do desejo que despertava. A conhecida instabilidade de Marilyn, então noutra fase de depressão (suicidar-se-ia no ano seguinte) terá sido a principal razão que levou a Paramount a desistir do projecto naquela forma. Frankenheimer não estava interessado noutra e desligou-se dele (em seu lugar iria fazer **The Young Savages**, um dos seus dramas mais fortes, interpretado por Burt Lancaster). "Exit" Frankenheimer, "enter" Blake Edwards, a quem a Paramount entregou o projecto, tendo o argumentista George Axelrod transformado o argumento de modo a adaptar a personagem de Holly à nova actriz escolhida pela Paramount, Audrey Hepburn.

As mudanças que a nova imagem da personagem impunha levou à transformação de uma história "sórdida" numa comédia romântica. A imagem de Audrey estava já feita desde que ganhara o Oscar em **Roman Holiday** e se tornara a "princesa" por excelência do cinema (em **War and Peace**, de King Vidor, é outra princesa, a Natasha de Tolstoi). A Holly de Capote e do primitivo argumento de Axelrod não lhe servia. A "transformação" é, praticamente, radical. De certo modo é de mesma ordem da que vai ter lugar três anos depois em **My Fair Lady**. Da mesma forma como uma rapariga "da rua" (em sentido figurado) se transforma numa "princesa" no filme de Cukor, uma rapariga "da rua" (no sentido que se lhe atribui) transforma-se numa simpática "aventureira" e namoradeira, a personagem para Marilyn e a personagem para Audrey. Mesmo o tom muda. A comédia satírica e de crítica de costumes que se previa transforma-se num filme romântico. Blake Edwards dá-lhe, inclusive, uma atmosfera de "musical" que a música de Henry Mancini (na segunda colaboração do compositor com Edwards) e o Oscar para a melhor melodia, "Moon River", avaliza, que o aproxima do referido **My Fair Lady**, ou melhor, daquele que Audrey interpretara em 1957, também musical, e de atmosfera semelhante, **Funny Face/Cinderella em Paris**, de Stanley Donen. O mesmo ambiente de boémia e de festas (hoje seriam "rave parties"). E neste meio, o de "party", Blake Edwards está como peixe na água, explorando a função "social" das "parties". Aliás, um dos seus filmes tem exactamente esse nome, **The Party** e a sua acção decorre quase inteiramente durante a "festa". Nesse ambiente Edwards espalha uma série de personagens insólitas, que são outras tantas caricaturas de tipos humanos. Aqui há ainda uma certa ternura na sua descrição, mas o olhar de Edwards vai-se azedando progressivamente até ao completo cinismo e o ridículo substituindo a caricatura de **S.O.B./Tudo Boa Gente**. E aqui também se manifesta a dívida de Edwards para com o burlesco que **The Great Race/A Grande Corrida à Volta do Mundo** e **A Fine Mess/Uma Tremenda Confusão** celebrarão, através da personagem do estranho japonês interpretado por um irreconhecível Mickey Rooney.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico